

# COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E

PREÇO DA ASSIGNATURA

Braga, 12 mezes.	1\$600
6.º ANNO	850
Correspondências partic. cada linha	40
Annuncios cada linha.	20
Repeti:ão	10

PUBLICA-SE

ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Provincias, 12 mezes.	2\$000
6.º ANNO	1\$050
sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 809

BRAGA—QUINTA-FEIRA 11 DE JULHO DE 1878

A Redacção do «Commercio do Minho».

Londres, 28 de Junho, 1878.

SUMMARY.

(Continuação)

III.—Varias circumstancias tocantes ao culto e progresso Catholico na Inglaterra.

IV.—Decrepitude allegada do Velho Catholicismo (que nasceu hontem).

V.—Algo a respeito do Congresso, de quem por ora se não deve saber nada.

VI.—O Governo da Belgica finalmente nas mãos da Pedreira anti Christã.—

III.—(Domingo, 23 de Junho).—Chego da missa das 8 horas, a primeira na Capella Franceza, Legitimista, que até foi de admissão gratuita até 1830, antes da Revolução de Julho; porque os Legitimistas Bourbons, que sabiam representar a França, e fazer as cousas nobremente, entendiam que a Nação Christianisma era bastante rica para offerecer gratuitamente a casa de oração ás muitas dezenas de milhares de Francezes que permanente ou temporariamente se acham sempre em Londres.

Desde a «gloriosa» revolução mencionada, aquelle pobrezinho de Luiz Filippe não pôde dispensar uma ou duas dezenas de mil francos que o Santuario Franco podia custar ao Thesouro Francez; e desde então houve que pagar, nos dias de obrigação de missa, meio xelim por logar, para assistir aos officios Divinos; afim de poder manter-se a igreja e os Sacerdotes. Havendo ali, todos os dias de semana, tres missas—ás 8, ás 9, e ás 11 da manhã; e nos Domingos e Dias santos ás 10 tambem.

No fim da missa que ouvi, commungáram 25 pessoas—e sem duvida ás de nove e dez horas commungáram ainda muitas outras, como de costume. Quizera que os Brazileiros—e não menos os Portuguezes—podessem todos ver o decoro, o silencio, a devoção, o respeito com que aqui se entra, se está, se assiste aos officios divinos nas igrejas.

Não se olha á direita ou á esquerda, e muito menos para traz, não se diz, mesmo a outra pessoa ou companheiro, uma palavra, senão por necessidade, e então só o necessario, em voz a mais baixa, com inteiro recato e modestia.

«Será no Brazil assim?... Em Portugal sei que não é; e já não era ha 50 annos; que fará hoje! De exemplos que por cá temos observado, forçoso é deduzirmos consequencias mui tristes, sobre a differença do porte religioso da gente aqui, ou no Brazil—e em Portugal. Até das Auctoridades e Empregados, parece que o exemplo não é demasiado edificante, segundo oigo. E a julgar por cousas que leio no Apostolo, parece-me que lá no Brazil, mesmo muitos dos que deviam servir de baliza ao publico em geral, que regem, tratam isto de religião e deveres della como cousa assáz indifferente!

Por outra parte vejo—e isto creio que mais ainda em Portugal que no Brazil—uma ambição, tão ardente quanto ridicula, de macaquear tudo o que é estrangeiro—tudo não, pois não se imita, por exemplo, o respeito ás cousas sagradas, a devoção e decoro na Casa de Deos, a observancia dos preceitos da Igreja,—a co-

herencia, finalmente, da conducta com as profissões.

Imitam-se porem ridiculamente corridas de cavallos e de burros; adoptam-se nomes estrangeiros, sobre todo Francezes, e estilos caricatos; chrisma desprezível de ruas, com o nome de qualquer João Fernandes, de quem a historia nada hade querer saber, d'aqui a meia duzia de annos. E toda a papalvaria, muito inchada, chama a isso «progresso»!!

Supponho que a dita familia dos papalvos concede á Inglaterra, neste momento mesmo, a honra e opinião, de que ella vai na verdade em «progresso»! E que vemos, todavia, associado com esse progresso verdadeiro? Vemos o mesmo que viamos, ou vimos que Portugal (de quem o Brazil tambem era então parte integrante), que os nossos Portuguezes faziam e fizéram.

Edificar igrejas e conventos; espalhar missões e missionarios por tres Partes do velho e novo Mundo; descobrir uma Quinta Parte ao mesmo, e levar com a Fé a civilização a regiões immensas e longinquoas do Globo.

E que observamos actualmente na Gram-Bretanha? A mesma cousa que Portugal (e depois a Hispanha tambem) fez então, *mutatis mutandis*, no que a civilização progressiva e natural dos séculos e das sciencias (physicas e experimentaes) devia necessariamente ministrar.

Vemos navegação a vapor desinvolvida mais e mais; ferrovias multiplicadas; telegraphos e outras maravilhas. Isto porem não é mais que o fructo da sementeira feita por gerações precedentes; e que, sem o trabalho, meditações e invenções delles, não se conheciam ainda hoje.

Vemos, por outro lado, a Liberangada fazer guerra de morte entre nós ás instituições religiosas; tratando-as como obra de fanatismo e quasi barbaridade; destruindo-lhes os vestigios e monumentos, proscrevendo-os como frutos de ignorancia, de superstição, de impostura.

Se tolices semelhantes deixassem de o ser, seguir-se-hia, que a Gram-Bretanha estava perdida; pois tem neste meio seculo, desde que eu proprio estou neste paiz, terrivelmente retrogradado á barbaridade, á superstição e ao fanatismo. Creando, e deixando crear, esses asylos da ociosidade e da preguiça, chamados mosteiros e conventos; que nos ultimos cincoenta annos, aqui se têm multiplicado com rapidez maior do que jámais nasceram e cresceram em paiz algum!

E se olhamos á França, com todas as suas loucuras (que tambem por lá não têm faltado), vemos igualmente reviver e multiplicarem-se de novo as instituições religiosas e conventuaes; sem que por isso ninguém a accuse de marchar á ignorancia e á barbaridade: pelo contrario, sendo sempre olhada pelos mui ridiculos Liberangas Portuguezes (e Brazileiros) como o verdadeiro centro das luzes e da sciencia!

Suggeriu-me todas estas reflexões a circumstancia de ter encontrado, esta manhã, ao voltar da missa, poucos minutos antes das nove como disse, primeiro umas poucas de meninas, de idades, na apparencia, de quinze a vinte annos indo sozinhas, em muito socego e recolhimento, cada uma com seu livro d'igreja, dirigindo-se para a igreja Catholica, para ouvir a missa d'aquella hora. Depois encontrei logo outra comitiva, que ia na mesma diligencia, e com o mesmo comedimento, na companhia de uma das Freiras do Convento, que, com seu habito conventual, as presidia e guiava, indo tambem assistir ao serviço divino.

Mais perto de minha casa passei por um joven sacerdote, que pausadamente voltava a seu aposento, depois de dizer missa, sem duvida, ás Religiosas da Adoração Perpetua do Santissimo Sacramento, aqui a cinco minutos de caminho distante de minha casa—onde S. Exc.ª Revd.ª Sr. Bispo do Pará, foi dizer missa e dar a Communhão a todas as Religiosas, quando por aqui passou vindo do Concilio Ecumenico.

Noto porem este encontro do Sacerdote, para referir a circumstancia (que não é singular, pois outros padres a praticam aqui), de irem assim, ao voltarem a casa depois de celebrarem o Santo Sacrifício, marchando devagar e tendo, sem dar attenção a mais nada—isto, já se entende, de manhã, e enquanto ha, comparativamente, menos trafico e baralho nas ruas. Convém todavia notar estes particulares, para que se veja, lá em nossas terras, que se têm por Catholicas, como, geralmente, aqui se toma o Catholicismo e a Religião bastante mais a sério, do que modernamente em nossos regenerados—ou melhor degenerados—paizes.

A. R. SARAIVA.

## CODIGO ADMINISTRATIVO

### TITULO IV

#### Das juntas geraes de districto

##### CAPITULO III

#### Da fazenda do districto, e contabilidade da administração districtal

[Continuação]

### SECÇÃO II

#### Do orçamento districtal

Art. 62. O orçamento do districto comprehende o calculo da receita que se espera arrecadar, e a descripção das despesas, que deverão fazer-se, para occorrer ás necessidades da administração districtal.

Art. 63. O orçamento districtal é ordinario ou suplementar.

§ 1.º O orçamento ordinario é destinado a auctorisar a cobrança e a applicação, durante um anno civil, de todos os rendimentos districtaes.

§ 2.º O orçamento suplementar é destinado:

1.º A crear receita quando a votada no orçamento ordinario fór insufficiente para occorrer ás despesas auctorisadas;

2.º A occorrer a despesas urgentes, que não tenham sido contempladas no orçamento ordinario;

3.º A dar applicação aos saldos de contas ou á receita excedente á calculada no orçamento ordinario;

4.º A alterar a applicação da receita votada no orçamento ordinario.

Art. 64. Os orçamentos districtaes, quer ordinarios quer supplementares, não podem ser organisados de forma que a despesa seja excedente á receita.

Art. 65. O orçamento ordinario do districto será discutido e approvedo pela junta geral na sua sessão ordinaria do mez de maio; os orçamentos supplementares serão votados todas as vezes que a urgencia das circumstancias o reclamar.

Art. 66. Os orçamentos districtaes, tanto ordinarios como supplementares, serão remetidos por copia do governo, que os mandará publicar na folha official.

Art. 67. Quando a junta geral deixe de votar os orçamentos necessarios ao regimen do districto, ou quando n'elle deixe de incluir despesas obrigatorias, ou quando a receita, devidamente calculada, não fór bastante para occorrer ás referidas despesas, o governador civil, em conselho de districto, supprirá a falta havida.

Esta resolução só pôde ter effeito depois de approveda pelo governo.

Art. 68. Quando por qualquer motivo o orçamento não se achar votado antes do começo do anno para que tem de reger, continuará em vigor o anterior orçamento, mas sómente quanto á receita e quanto ás despesas obrigatorias de execução annual e permanente.

### SECÇÃO III

#### Da contabilidade da administração districtal

Art. 69. Nenhuma despesa poderá ser ordenada sem que esteja votada em orçamento regularmente organizado nos termos d'este codigo.

Art. 70. O serviço financeiro dos districtos executa-se em periodos de gerencia e de exercicio.

§ 1.º A gerencia abrange os actos financeiros realizados durante um anno civil.

§ 2.º O exercicio abrange o periodo de mais tres mezes além do anno de gerencia.

§ 3.º Findo o exercicio caducam as auctorisações do orçamento, e ficam sem vigor as ordens de pagamento passadas e não pagas.

Art. 71. Dentro do prazo de sessenta dias, depois de findo o periodo do exercicio, será organizada e enviada ao tribunal de contas a conta do mesmo exercicio, na qual se descreva em columnas separadas a receita cobrada e a despesa effectuada, pela mesma ordem e pelos mesmos dizeres com que as respectivas verbas estiverem descriptas nos orçamentos.

§ Unico. Em tudo mais que fór relativo ao processo a seguir na apresentação das contas e documentos, com que estas devem ser instruidas, se observará o que fór determinado nos regulamentos geraes de contabilidade publica e regimento do tribunal de contas.

Art. 72. As contas do districto, antes de serem enviadas ao tribunal de contas, estarão patentes ao publico durante oito dias uteis, o que se fará constar por editaes e annuncios nos jornaes da séde do districto, com a antecipaçaõ, pelo menos, de tres dias.

§ unico. Todos os cidadãos do districto teem direito de apresentar reclamações e observações por escripto acerca das contas, afim de serem presentes com o respectivo processo ao tribunal do julgamento.

Art. 73. O ministerio publico junto dos tribunaes de justiça é competente para, como parte principal, intentar as accões necessarias, afim de fazer entrar no cofre do districto as quantias em que os gerentes forem condemnados, ou por que, de qualquer forma, sejam responsaveis para com a fazenda do districto.

### CAPITULO IV

#### Do thesoureiro do districto

Art. 74. O thesoureiro do districto é o encarregado de receber e arrecadar todos os rendimentos districtaes, e de pagar todas as despesas devidamente ordenadas.

Art. 75. O thesoureiro do districto é de livre nomeação da junta geral, e ven-

ce a percentagem que lhe for arbitrada nos orçamentos districtaes.

Art. 76. O thesoureiro do districto prestará fiança idonea na importancia que fór fixada pela junta geral.

§ unico. Os procuradores a junta geral são solidariamente responsaveis pela falta ou insufficiencia da fiança.

Art. 77. O thesoureiro pagador do districto pôde ser nomeado thesoureiro dos rendimentos districtaes, e n'este caso vençerá a gratificação que a junta geral lhe arbitrar.

Art. 78. A caução prestada pelo thesoureiro pagador será proporcionada ao acrescimo de responsabilidade resultante da arrecadação dos dinheiros districtaes.

Art. 79. O thesoureiro é obrigado a remetter á commissão districtal, no principio de todas as semanas, e extraordinariamente quando ella lh'o pedir, um balanço do respectivo cofre, referido ao ultimo dia da semana finda.

## VARIEDADES

### O letrado e o sapateiro.

(DIALOGO)

Letrado. Você, mestre, fez-me as botas muito apertadas: leve-as, e meta-as nas escopias; ou então faça outras, porque estas não me servem.

Sapateiro. O calçado quer-se justinho para que os pés mostrem graça a quem os vê, e nos não chamem pés de boi: é a moda.

Letrado. Eu já não sou de modas, e tenho callos; guarde a receita para os janotas. Tenho dito: leve as botas.

Sapateiro. Em o sr. as calçando meia duzia de vezes logo alargam. Veja.. o coiro é muito macio...

Letrado. Guarde a sua rhetorica para as eleições, e aprenda a tomar melhor a medida dos pés dos freguezes.

Sapateiro. Agora porisso... O sr. não quer ser deputado?! O sr. devia propor-se por este circulo; conseguiria a maioria dos votos, porque todos os meus freguezes fallam no seu nome, e tem pena de que o sr. se não proponha.

Letrado. Eu?! Para que?! Não sou clubista nem pertenco a nenhuma synagoga: sou portuguez velho; não conheço progressistas, nem conservadores, nem andariños; e só conheço portuguezes, e irmaos; e nunca gostei de jogar o entrudo.

Sapateiro. Jogar o entrudo?! Então os deputados vão jogar o entrudo?!

Letrado. Pois que outra coisa é isso que ali está, e tem estado, senão pulhas de entrudo?! Olhe, mestre, a Carta foi uma pulha: as cortes são outra: as eleições são a pulha das pulhas! O povo não pesca nada d'isto; ouve o estalar dos foguetes, e corre a elles, como fazem os rapazes; e por fim contenta-se com apañhar os canudos para fazer esguichos! Não percebe?!

Sapateiro. V. s.<sup>a</sup> é letrado, e lá sabe o que isso é: entretanto o que eu sei dizer-lhe é que nós os sapateiros já somos cidadãos, o que dantes não eramos; já temos o nosso theatro, o que dantes não tinhamos: já temos a nossa banda

marcial, que nos acompanha á cova, o que também não tinhamos: já tractam as nossas mulheres e filhos com o seu dom atroz, e se os deputados, e os vereadores querem ser o que são, depende isso em grande parte dos sapateiros, e pedreiros, e carpinteiros, e albardeiros, e ferreiros, e ferradores, e moleiros, e arrieiros, e até d'aquelles, a que chamam *borrabortas*. Aqui está o que eu sei.

Letrado. E depois d'isso, não sentiu mais nada?! E quanto pagavam vocês de decima anteriormente?! E quanto pagam hoje?! E por que preço compravam o necessario para viverem? E por que preço o compram hoje?! E a quantos mandões obedeciam dantes, e a quantos mais obedecem hoje? Ponham em uma das conchas da balança o pão de ontem, e na outra os temperos d'hoje, e vejam qual pésa mais! Miseraveis cegos, e illudidos!

Sapateiro. Nós cá os artistas não queremos saber de desgraças. O conde da Taipa, que era um cartista dos quatro costados, disse: que todo isto era uma patuscada, e é assim que nós entendemos a coisa; e viver a vida de patuscada é a que melhor se dá com a natureza dos sapateiros: portanto haja patuscada, e patuscada em *eternum*. É o que dizem os mestres-escolas.

Letrado. Bravo, mestre! E se Deus, ou o diabo se lembrar um dia de bater com esta caranguejola de pernas ao ar, e os patuscos derem comigo na lama, que dirá, e que fará você, e os seus collegas?!

Sapateiro. Melhor o hade fazer Deus, mas, ou sim, ou não, nós vamos aproveitando as hostias emquanto o nosso compadre fór thesoureiro; e depois quem vier atraz que feche a porta: por emquanto viva a patuscada!!

Letrado. Você está perdido! Você ignora que nada ha eterno no mundo! Você não tem amor ás costellas, nem á familia! Você não olha para o dia d'amanhã! Você está abandonado da Providencia divina! Você não se lembra de que pôde esticar a canella de uma hora para a outra e...

Sapateiro. Oh sr. doutor! Então que quer que eu pense, e que faça, se todos assim fazem, e pensam? Pois o sr. não tem lido o que os periodicos dizem da vida do rei, das patuscadas dos ministros, da conducta dos deputados, e do que se diz de fr. Thomaz, que diz o contrario do que faz?! Bem vê que o exemplo vem lá de cima, e que assim como fam, fam, segundo cá se diz.

Letrado. Tem razão, mestre... nisto tem razão! Essa é a nossa grande desgraça. Bem se vê que a tal Carta foi uma pulha, e que os patuscos se servem d'ella, como de molho de pasteleiro para temperar a comida das patuscadas! E que molho! E que caldaça dissolvente! E que estomagos! Não é nada; tem comido em quarenta annos mais, do que se comen em quatro seculos! Infantado, patrimonio regio, commendas, capellas vagas, heranças jacentes, os conventos de frades, as freiras, as egrejas, as irmandades, os hospitaes, as misericordias, as albergarias, e por fim vão-nos comendo a nós; e nós vamos deixando-nos!! Você, mestre, não pesca d'isto nada.

Sapateiro. O meu officio é fazer botas

e sapatos; nas horas vagas vai a gente patuscar: o sr. dr. que sabe porque aprendeu, tem obrigação de receitar para esses males de que falla, e para isto deve propor-se a deputado, porque a occasião não pôde ser melhor. Pois que?! Hoje não ha cão, nem gato, que não queira ser cavalleiro de botas engapadas; e o sr. doutor que ensina tanta coisa, e a tanta gente, deve propor-se.

Letrado. Depois do asno morto deitam-lhe cevada ao rabo!! A boas horas!! Isto, mestre, está tudo pôde! Não ha côrtes, nem deputados possiveis, que lhe dêem remedio. O unico que eu conheço é botar abaixo tudo, e reconstruir sobre as bases antigas um novo edificio adaptado ás necessidades reaes do paiz, e de construção simples, sem labirintos, mas solida.

Dêem-me os quarenta homens de 1640, que eu lhes farei tudo.

Sapateiro. Como? Pois não são muitos mais os pares, e os deputados, que no seu dizer nada teem feito?!

Letrado. Como? Comendo! Esse é o meu segredo! Quem quizer saber o, advinhe.

Dr. Barrote.

## GAZETILHA

**Festividade do SS., em S. João do Souto.**—Tem lugar no domingo a pomposa festividade do SS., na igreja parochial de S. João do Souto. No domingo ha de manhã missa solemne a grande instrumental e sermão, e de tarde procissão que percorrerá o giro dos annos anteriores.

No sabbado tem de tarde vespersas solemnes a instrumental, e á noite arraial com musica e illuminação.

**Hospede.**—Tem estado nesta cidade o sr. dr. Antonio Alberto da Rocha Paris, distincto cavalleiro de Vianna do Castello.

**Exposição zoologica.**—Teem sido sempre muito concorridas as funcções da curiosa familia *quadrumana*, no barracão da exposição de feras, á entrada da rua d'Andrade Corvo.

Realmente passam-se alli algumas horas bem agradaveis.

Como estes bonitos espectaculos estão em vespersas de acabar, recommendamos aos brácarenses, que ainda lá não foram, que não deixem escapar-se o ensejo de gosarem d'uma diversão inteiramente nova para esta cidade.

Hoje ha alli espectáculo, que principiará ás 8 e meia da noite.

**Principio d'incendio.**—Na segunda-feira, depois das trindades, deram as torres signal d'incendio na circumscripção de S. Victor, onde se manifestára na casa d'um logista.

Foi promptamente extinto.

**Triumphos do Catholicismo.**—Durante estes ultimos dois mezes um numero extraordinario de protestantes tem em Inglaterra entrado no gremio da Igreja Catholica.

Só em Brighton converteram-se mais de quarenta.

Na semana passada os padres do Oratorio de S. Philippé Neri de Brompton

Reciberam no seio da verdadeira religião o sr. Bennet, filho de Lord Tarkerville. A historia da sua conversão é bella e commovente. O sr. Bennet estava por acaso em Roma quando succedeu a morte do Santo Pontífice Pio IX, e como muitos outros estrangeiros, foi tambem a S. Pedro para ver o corpo do Santo Padre exposto na capella do SS. Sacramento. O viajante inglez não tinha algum pensamento religioso quando atravessou aquella immensa multidão de povo que invadia a Basilica, e muito menos pensava em converter-se. A simples curiosidade e nada mais o conduziu a S. Pedro. Quando porém se achou diante dos restos venerandos do angelico Papa, um ineffavel e irresistivel impulso o obrigou a ajoelhar-se e a beijar-lhe o pé. Desde aquele momento a sua mente não deixou nunca de ser agitada por esta pergunta: «É a Igreja Catholica a verdadeira?» Leu, estudou e orou, e na semana passada teve a felicidade de entrar no verdadeiro ovi. —(C. de Roma).

**Já falleceu.**—Foi sepultado na segunda-feira um filhinho do sr. F. J. Vieira, ourives, que ha dias ficou muito contuso na occasião em que, como noticiámos, se escangalhou junto do portico do Bom Jesus do Monte o carro que conduzia a familia d'aquelle sr.

**Descaminho.**—Na occasião do desastre no dia 28 succedeu ao sr. Francisco José Vieira, a que alludimos na noticia precedente, este sr. achou-se com falta de tres guarda-soes de seda, e uma caixa de prata, que lhe saltou do bolso. Estavam no local bastantes pessoas, que vinham para entrar em dous americanos, os empregados d'este, e dous policias. Se alguém tiver conhecimento dos objectos desencaminhados pode mandar entregal-os á casa do queixoso.

**Desgraça.**—Na tarde de segunda-feira caia das novas obras do quartel do Populo, onde estava trabalhando de pintor, e ficou instantaneamente morto, o soldado n.º 53 da 4.ª companhia, Antonio Joaquim Exposto.

**Villacondense.**—Com este titulo começou a publicar se em Villa do Conde um novo jornal.

**Fallecimento.**—Falleceu hontem na sua casa da rua de S. Marcos, uma irmã do revd.º prior de Palmeira, ao qual enviámos comprimentos de pezaes.

**Cippo.**—Nas escavações a que se anda procedendo para escoadouro das aguas na rua da Misericordia, appareceu um grande cippo, a prumo sobre base. O local ficava por debaixo das casas que se demoliram para o alargamento d'aquella rua, —o que prova que a edificação da mesma foi feita sobre base antiga e pavimento muito mais baixo.

**Fallecimento do bispo de Olanda.**—Refere a «Union» ter chegado a Paris a infausta noticia da morte de sua excellencia reverendissima o senhor D. Vital Gonçalves d'Oliveira, bispo de Olanda. Depois d'uma enfermidade, no convento dos Capuchinhos, sua excellencia entregou a alma ao Creador no dia 4 do corrente.

Foi mais um valente da milicia christã que rareou nas fileiras do catholicismo. Deus chamando a si o seu apostolo, havia de engrandalar de gloria aquella fronte

## FOLHETIM

### GOUSAS TRISTES QUE FAZEM RIR E ALEGRES QUE FAZEM CHORAR

Quando a gente se põe a reflectir no que os liberalinos teem dito e feito desde 1820, e, sobretudo, desde 1834 para cá, não temos remedio senão escangalhar-nos com riso, ainda que o caso é mais para chorarmos lagrimas de sangue! Senão é vêr:

#### RELIGIÃO

Eu bem sei que tanto se pôde ser catholico, com um governo absoluto, como com o representativo ou republicano; porque Jesus Christo disse—*O meu reino não é d'este mundo*—mas, o que é verdade incontestavel, é que os liberaes, desde 1789 até hoje, teem declarado guerra sem tréguas ao catholicismo. Não fallando na Italia, França, Belgica, Suissa, Hespanha, etc., tratemos só do nosso infeliz Portugal.

Em 1820 e 1826, ainda a cousa foi *tente-não-caias*, com receio do povo, e por não poderem arrancar dos corações d'elle, assim logo á *queima-roupa*, a religião dos portuguezes; mas, bem me lembra que em 1826 (apezar de eu ter então só nove annos) já elles faziam guerra de morte aos padres—e principalmente aos frades—que era o meio de chegarem mais depressa á religião.

Entre muitas cantigas que elles dirigiam aos religiosos, ainda me lembra uma, cantada na musica do *hymno da carta*, e era assim:

Todo o homem que traz saia  
Cingida com um cordão,  
E' corcunda, e fogo n'elle,  
Que não quer constituição.

Todo o mundo sabe a maxima liberasta—*enforçar o ultimo rei com as tripas do ultimo padre*.

Desde que esta gentinha tomou conta do penacho, tem tratado por todos os meios, ainda os mais ignobes, de dar cabo da religião. Todos os dias é ella insultada, achinchada e desprezada publicamente, nos livros, nos jornaes, nos thea-

tros e em toda a parte; e, se qualquer periodico d'elles se linge catholico, não pôde conservar a mascara por muito tempo; e, se dá uma no cravo, dá logo outra na ferradura.

Gritam que são catholicos liberaes (isto em bom portuguez, é o mesmo que dizer que são de Deus e do diabo) e logo, poucas linhas abaixo, dizem—*Os catholicos perderam as eleições, que foram vencidas, na Belgica, pelos liberaes.* (!)

Outra d'elles—Bismark parece querer virar as costas aos liberaes e fazer varias concessões aos catholicos para os attrahir ao seu partido.

Então é bico ou cabeça?—O que eu digo é que—quem os entender que os compre.

A *carta constitucional*, redigida por o brasileiro Francisco Gomes, o Chalaça (era um grande pandigo, este Chalaça)!.. e impingida em Portugal pelo inglez Stuard (o mesmo que tratou da separação do Brazil) e assignada pelo primeiro imperador brasileiro, diz:

«A religião Catholica Apostolica Romana, continuará a ser a Religião do reino. Todas as outras religiões serão *permittidas aos estrangeiros*, com seu culto

DOMESTICO OU PARTICULAR, em casas para isso destinadas, SEM FÓRMA ALGUMA EXTERIOR DE TEMPLO, (art. 6.º)

Pois, apezar desta lei d'elles, os governos liberastas deixam constantemente vilipendiar a religião do estado, e consentem que os herjes tenham as suas *synagogas*, com todas as exterioridades de templos! Faz arrepiar os cabellos a todo o fiel christão, vêr, mesmo ao pé da igreja matriz de Santos-o-Velho uma capella catholica, com a sua forma primitiva de templo, transformada em igreja protestante. Tiraram-lhe o sino, a cruz que encimava o timpano; venderam-lhe as santas imagens, e mais nada! E, para que todo o mundo saiba da consideração que merece aos protestantes, o governo, e a lei fundamental porque elle se rege, escreveram na verga da porta principal, em letras gordas—*PRESBYTERIEN CHURCH.* (!)

Junto tudo isto ao roubo sacrilego dos conventos, dos passaes, dos bens das irmandades, etc., etc., etc., parece incrível que os liberaes ainda tenham o descôco de dizer que são catholicos!

Os Philippes, roubaram-nos muita cousa, é verdade, mas fizeram o magestoso

que não se curvou perante os potentados do século.

**Nomeação.**—Foi nomeado visitador especial para examinar os cartórios dos escrivães e tabelliães n'este districto e no de Vianna do Castello, o sr. Carlos Joaquim Xavier da Silva, amanuense da direcção geral dos proprios nacionaes.

**Armada portugueza.**—A armada portugueza conta actualmente um couraçado, oito corvetas, nove canhoneiras e tres transportes a vapor, uma fragata e uma corveta de vela, navios-escolas, e um hiate, um cutter e um cahique, e estão em construcção quatro canhoneiras, duas das quaes para o serviço aduaneiro do Algarve.

**Parabens.**—Na tarde de segunda-feira realisou-se em Lisboa o casamento do nosso presado correligionario e collega o exc.<sup>mo</sup> sr. Jorge de Cabedo e Vasconcellos (visconde de Zambujal) com a exc.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Thereza Paes de Sande e Castro. Foram madrinhas as exc.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> marquizeza de Sabugosa e viscondessa da Asseca, e padrinhos os exc.<sup>mos</sup> srs. Antonio da Cunha e Vasconcellos e D. Sancho Manoel de Vilhena. Assistiram ao acto entre outras pessoas as exc.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Maria da Purificação José de Mello, D. Izabel Pinto da Franca, D. Anna, D. Maria Amalia Machado, e os exc.<sup>mos</sup> srs. Antonio Pereira da Cunha, Salvador Paes de Sande e Castro, marquez de Sabugosa, Rodrigo de Mello, D. José Machado Castello Branco, Antonio Paes de Sande e Castro, visconde da Asseca, Antonio de Vasconcellos Monteiro Cabral, e José de Carvalho Daun e Lorena.

Damos aos illustres noivos cordaeos parabens.

**Exames finais d'instrucção secundaria.**—Já está publicado o decreto nomeando as commissões para os exames finais da instrucção secundaria.

No Porto estas commissões compõem-se da seguinte fórma: Presidente geral Manoel Maria da Costa Leite; presidente, para a meza de portuguez o sr. Bernardo Madureira; vogaes, Francisco Antonio Marques e Simões Dias; para a meza de francez os drs. Filippe do Quental e Paulino de Oliveira como presidentes, e como vogaes Telles Menezes, Eugenio Fernandes, Abilio de Aguiar e Albino Ladeira.

Para a meza de Inglez o dr. Amorim Vianna como presidente e Pinto de Aguiar e Northway Valle como vogaes; para a meza de latim e latinidade o dr. Silva Ramos como presidente, e Dias Cardoso e Almeida Ribeiro como vogaes; para mathematicas, 1.<sup>a</sup> parte o dr. Magalhães Aguiar como presidente e Patrocínio Costa e Sousa Montenegro como vogaes.

Para o curso completo de mathematicas e desenho o dr. Viegas e Piná Vidal como presidente e Adriano Paiva e Miguel Abreu como vogaes.

Para historia o dr. Emygdio Garcia como presidente, e A. Luso e Sousa Macedo como vogaes.

Para philosophia Bernardo Albuquerque presidente e Manoel Teixeira e Pires Villar vogaes; para introducção o dr. Agostinho Antonio Souto e Elias Pereira presidentes, e Costa Allemão, Santos Viegas e Aguiar Northway, vogaes.

**Uma amostra do congresso de Berlim.**—Ahi vai uma amostra do congresso de Berlim, n'uma sessão um pou-

co tumultuosa, relativamente aos plenipotenciarios turcos e lord Beaconsfield, —escreve o «D. de Portugal»:

—Que pretendeis que façamos em vosso favor? destes-nos o exemplo da mais lamentavel desordem. Apresentae-me um homem, um unico, em que eu possa ter confiança, um unico que seja capaz de dominar a situação. Ha Midhat-Pachá. Por que o exilaram? Porque elle se revoltou contra o sultão, mas repara bem, excellencia, que não posso perder o meu tempo com todas estas intrigas. Entre vós ha sempre dois homens d'estado que representam opiniões oppostas, sem que a corôa perigüe. Entre vós, ha apenas cahos espantoso. Na realidade nada mais posso fazer.

O plenipotenciario ottomano objectou que era precisamente a attitudé do gabinete de St. James que promovia as desordens de Constantinopla. Um povo não pôde assim assistir ao seu anniquilamento. Lord Beaconsfield foi inexoravel.

—Pois bem, diz Carathéodori-Pachá, os turcos ainda não estão completamente mortos. A Europa terá ainda de se occupar de nós. Não accettamos as decisões do congresso.

Beaconsfield levantou-se muito pallido e encolerizado.

—Como quizerdes! mas infelizes de vós, porque eu não darei um passo mais para sustentar a Turquia. A Grã-Bretanha saberá velar pelos seus interesses.

**Pio IX e Napoleão.**—A «Ave-Maria» jornal que se publica nos Estados-Unidos, em uma serie de *Reminiscencias de Pio IX*, conta uma curiosa entrevista que teve Sua Santidade quando simples arcebispo de Spoleto, com Luiz Napoleão.

No anno de 1831, um bando de insurreccionados entrou violentamente n'aquella cidade, aterrorizando os seus pacificos habitantes; porém, o bem depressa foram dominados, e tratados sem misericórdia. Uma tarde, quando ainda resoavam as ruas do Spoleto com as enfurecidas ameaças do povo resentido, achava-se o arcebispo entregue ao estudo, tristemente meditando nos fataes resultados das paixões humanas. De subito ouve passos no quarto contiguo, e indo observar, encontra-se com um homem desconhecido.

Entretanto o estrangeiro ajoelhou humildemente, e disse:

—Desejo que vossa eminencia me olhe com compaixão e se digne amparar-me. Sou um fugitivo a quem perseguem. A policia anda no meu rosto; porém, pude atravessar a cidade sem ser visto, e d'esta maneira chegar ao palacio arcebispal. Tenha vossa eminencia misericórdia de mim; salve-me de uma morte ignominiosa.

Acabava elle de pronunciar estas palavras, quando se ouviu o grito de «morram os insurreccionados».

—Ouvís este grito de morte? Exclamou com voz lastimosa. Estou perdido se me não protegéis.

Commovido o arcebispo com as ferventes supplicas do joven que tinha á vista, e, ardendo em santa caridade pelo proximo, disse-lhe com doçura:

—Entraste á minha casa, a casa de um servo de Deus; o Senhor é quem vos

enviou á minha presença, e é Elle quem quer que eu vos proteja. Eu vos amparei e não sereis entregues. Podeis permanecer aqui até que a escuridade da noite possa favorecer a vossa fuga.

O fugitivo com os olhos arrazados de lagrimas agradeceu fervorosamente ao arcebispo tão assignalada protecção em momentos de tanto perigo.

Perguntou-lhe em seguida o prelado se tinha fome, e recebendo uma resposta affirmativa, se apressou em trazer-lhe pão, vinho e viandas, dizendo-lhe:

—Comei e cobrae forças, e orae se podeis. Tenho que me retirar; quando for noite fechada, um criado fiel vos acompanhará e conduzirá aos arrabaldes da cidade.

Ao cabo de algum tempo apresentou-se novamente o arcebispo ao fugitivo dizendo-lhe:

—São horas, deveis marchar já, pois acabo de saber que corre o rumor de que alguns fugitivos estão albergados no palacio episcopal; o povo começa a murmurar.

Não é o medo que me aconselha que deveis partir quanto antes, senão a incerteza de vos poderdes salvar em rompendo o dia. Peço-vos então que vos escapeis sem perda de tempo.

—Quando nascer o sol, disse o fugitivo, encontrar-me-hei nos ultimos limites do territorio papal, e poderei considerar-me salvo.

Lembre-se de mim vossa eminencia nas suas orações: lembre-se de Luiz Napoleão.

Surprehendeu se, não pouco, o arcebispo com o nome do fugitivo; porém conteve-se e acrescentou:

—Logo, sois vós um d'esses mal aconselhados e desgraçados principes que...

—Que tem desembainhado a espada, contestou o joven, em defesa da liberdade, igualdade e fraternidade. Sou effectivamente Luiz Napoleão, sobrinho d'aquelle imperador, que em uma occasião...

—Que em uma occasião, interrompeu o arcebispo, tratou de arrancar Pio VI do throno pontificio e encarcerou na cidade de Fontainebleau Pio VII...

—Tambem sou sobrinho do cardeal Fiesch. Receba vossa eminencia o solemne juramento, de que jámais em toda a minha vida me olvidarei de vossa eminencia, e de que, quando se cumprir o meu destino, e segundo espero e prevejo, chegue a herdar a corôa imperial de meu tio, darei a vossa eminencia provas de agradecimento, por me haver salvo a vida.

Em taes circumstancias, teve logar a primeira entrevista entre Pio IX e o futuro imperador dos francezes. O joven Napoleão escapou-se de Spoleto, chegou a Ancona, onde residia sua mãe, a rainha Hortence.

**Bonito.**—Lemos no jornal «Esperança»:

Escrevem-nos de Macau que o governo de Lisboa ordenou se retirassem da ilha de Hainan os dous missionarios portuguezes que lá estavam, visto não lhes poder enviar passaportes (francezes?), ficando só os dous chinas!

Ora, deve-se saber que a missão de Hainan é a unica que temos actualmente em todo o nosso «padroado da China» fóra de Macau, e que abandonar uma

missão no Oriente exclusivamente a padres indigenas, é perdela e perdê-os...

Logo, viva o Padroeiro e o seu liberalismo!

Até ás ultimas noticias os nossos padres não se tinham retirado, ainda que um d'elles havia sido terrivelmente espancado.

Os missionarios hespanhoes das Filipinas (os frades de Santo Agostinho) accitariam de boa vontade aquella missão espinhosa por certo, e que exige não pequenos sacrificios para ser o que deve; e já communicaram ás auctoridades de Macau este seu desejo.

Mas... viva o Padroado, que nem faz nem deixa fazer!

Quando terão juizo os homens publicos em Portugal?!

**Theoria do barometro.**—Segundo o sr. Lorente, a oscillação diurna do barometro é devida á influencia dos dois phenomenos seguintes. D'um lado o vapor que pelas manhãs está em estado viscular, em virtude do calor solar transforma-se em vapor propriamente dito, e junta sua pressão á que é propria do ar; por outro lado o mesmo ar quente pelos raios do sol produz correntes ascendentes originando-se ao fazel-o sobre a terra um vacuo relativo, cujo ultimo resultado é o descenso da columna de mercurio. Semelhante explicação dá o mesmo sr. ás oscillações nocturnas. —*J. da M.*

**Questão do Oriente.**—Os ultimos telegrammas relativos á questão do Oriente, são os que seguem:

Berlim 6—Os delegados inglezes foram informados de que os «lazes» supplicam a Inglaterra de assumir o protectorado da Armenia, e de não ceder Batoum aos russos, seja por que preço fór. Os «lazes» declaram que arvorarão a bandeira britannica no dia 13 do corrente, e que entrarão em campanha contra os russos.

Desmente-se o boato da abdicção do principe Carlos da Romania.

S. Petersburgo 6—Os periodicos russos atacam vivamente a Inglaterra, e dizem que é um acto de má fé contestar Batoum á Russia.

Paris 6—Não é verdadeiro o boato da Prussia ter comprado o porto de Eroud ao governo de Marrocos.

Os russos expulsaram as auctoridades romanicas de Bolgrad, na Bessarabia.

Dizem de Berlim ao «Temps» que ha alli convencimento de que a Turquia poderá pagar 12 p. c. da sua divida, comprehendidos os juros atrasados e capitalizados.

Chegaram á ilha do Chipre dous couraçados inglezes.

Londres 8—O «Daily Telegraph» crê saber que lord Beaconsfield annuncia hoje no congresso que a Inglaterra concluiu com o sultão um definitivo pelo qual se compromette a proteger, com todas as suas forças e recursos as possessões ottomanas na Asia (Menor). Em troca, a Porta concedeu á Inglaterra o direito de occupar a ilha de Chipre.

Berlim 8—Foi desmentido o boato da acquisição pela Alemanha d'um porto de Marrocos.

Londres 9—O ministro Cross respondendo na camara dos deputados ao marquez Hartington annunciou que em 4 de junho foi assignada uma convenção con-

mosteiro de S. Vicente de Fóra; reconstruiram cutros, e não lhes venderam nada. Tambem respeitaram os bens das Misericordias, os passaes dos parochos, e o que pertencia a confrarias e irmandades.

Os francezes roubaram-nos as pratas das igrejas, o chapéo de S. Jorge, a Biblia dos Jeronymos, e tudo o mais a que poderam deitar o gatazio; mas, sequer ao menos não nos roubaram (porque não tiveram tempo) os edificios, as cercas e as rendas.

E os liberaes fizeram mão baixa a tudo! Mataram a gallinha que punha os ovos d'ouro!

Mas, os Philipes, e os soldados do Junot, do Sout, e do Massena, eram estrangeiros; e os liberaes são portuguezes, o que é bem mais escandaloso.

O que eu queria era saber uma cousa—em estes diabos acabando de vender os mosteiros e cercas das freiras, os passaes e tudo o mais a que deram o titulo de bens nacionaes, o que venderão? Decreto vendem-nos a nós, por 30 dinheiros, aos castelhanos ou aos inglezes.

## O REI

Os liberaes inventaram para seu uso, um vocabulario pouco intelligivel aos profanos! Entre muitas das suas esquipaticas invenções, uma é—o rei reina e não governa. (!)

Eu sou um lapuz, nascido e creado no matto, mas, no meu humilde bestunto, sempre entendi uma cousa—e é—o regedor, governa na sua parochia; o administrador, no seu concelho; o governador civil, no seu districto. Nos outros ramos da administração publica, segue a mesma ordem, mutatis mutandis—e o rei, governa sobre todos estes magistrados—isto é—reinar vem a ser—governar como rei, em toda a nação, dominar.

Então como se pôde entender—o rei, reina e não governa?

Diz o art. 71 da carta: «O poder moderador é a chave (o sublinhado é meu) de toda a organização politica, e compete privativamente ao rei, como chefe supremo da nação, para que (a grammatica é do Chalaça) incessantemente vele sobre a manutenção da independencia, equilibrio e harmonia dos mais poderes publicos». Pois se o rei só reina,

e não governa, como diabo ha de fazer isto tudo?

Ah, já sei! A carta, mesmo para elle, não passa de Chalaça, e agora é que dei no vinte. Querem saber a significação que os liberaes dão ao verbo reinar? E' esta:

«Oh, rapazes, amanhã, que é domingo, vamos reinar»?—«Valeu».—Para o Collete encarnado?—«Não: para o Zé da Annica».—«Eu voto pela Rabicha».—«Pois eu cá, voto pela Cova da Piedade».—Todos—«Está dito! Viva a Cova da Piedade! Ai que reinação nós vamos fazer?! Viva a reinata!»—E lá vão reinar, os patuscos.

Pois confesso que foi bem pilhada. Sim, senhores.—O rei liberal, serve só para reinar (pandigar) e para mais nada que preste!

Vê-se todos os dias insultar pela imprensa (d'elles, bem entendido). Vê-se o officio de rei achincalhado nos theatros, com a «Pera de Satanaz»; com a «Grã duqueza de Gerolstein»; com as «Trez rocas de crystal», etc., etc., etc.; e ainda mais nas «revistas do anno»; mas é o mesmo: uma vez que elle reine, para o mais é impassivel!—Vae á caça; atira aos

pombos (sem attender aos artigos que saccionou—da Sociedade protectora dos animaes), assiste ás touradas, ás regatas, ás corridas de cavallos, etc.—tudo isto é reinar.

De modo que a nação paga uma lista civil, de mais de 600 contos de réis, além dos enormes rendimentos da casa de Bragança; dá ao rei varios palacios, quintas, trens, galeotas, etc., sem lhe pedir decima sumptuaria, pessoal, predial, industrial, e com todos os mais adjectivos acabados em al (ou em ais)!... e tudo isto para que?

—Para termos um soberano reinadio!

—Sim, senhores, viva a patuscada.

Villa do conde, 1 de julho de 1878.

Augusto de Pinho Leal.

(Continúa)

dicional com a Porta, obrigando-se a Inglaterra a defender a Turquia contra qualquer aggressão futura, cedendo a Porta a ilha de Chypre á Inglaterra, como a Rússia obteve a posse de Batoum; será occupada immediatamente a ilha de Chypre, para a qual foi nomeado administrador sir Wolsey; acrescentou Cross que uma das estipulações da convenção determina que se em qualquer dia a Rússia restituir á Porta o territorio que adquiriu na Asia, com a recente guerra, a convenção cessará de vigorar e a Inglaterra evacuará Chypre.

Os jornaes inglezes, excepto o «Daily News», approvaram calorosamente a convenção com a Turquia, qualificando a politica franca e corajosa, a qual se oppõe absolutamente a qualquer aggressão da Russia, porque protege os interesses britannicos na India e no canal do Suez.

O «Morning Post» annuncia que sir Wolseley parte para Chypre em poucos dias com um contingente indiano.

Berlim 8.—O congresso attribuiu á Persia a cidade de Khoutal. Regulou definitivamente os pontos em litigio acerca das fronteiras da Servia, da Bulgaria e da Roumelia.

A Servia obteve Piret mas Wranja permanece ainda assim como Port Trajano.

O desfileiro de Sktimade enquanto Sofia fosse attribuida á Bulgaria.

O congresso adiou para amanhã a discussão acerca de Batoum.

**Portuguezes fallecidos.**—Desde 15 a 17 de junho, falleceram no Rio de Janeiro, os seguintes subditos portuguezes:

Manoel da Costa Maria, 49 annos, casado; Joanna Maria de Jesus Mattós, 74 a., s.; João Ignacio Quaresma, 36 a., c.; José Henrique da Silveira, 35 a., c.; José Valé, 50 a., s.; Domingos José da Costa Braga, 21 a.; Domingos José Gonçalves, 71 a., c.; Aluysio Augusto Accioli, 50 a., c.; Josefa Rosa de Oliveira, 31 a., c.; Manoel Antonio Vital, 26 a., s.; José Joaquim Pedro, 51 a., c.; Narciso José Ferreira, 16 a., s.; Francisca Ignacia Valença, 49 a., c.; José de Araujo, 89 a., s.

**Testamento.**—Falleceu a 16 de junho, no Rio de Janeiro, Domingos José Gonçalves, nascido e baptizado na freguezia de S. Thiago de Guilhofrei, concelho de Rouças, comarca de Vieira, logar de Villa Boa da Roda Portella do Rego, em Portugal. Era filho de Manoel Gonçalves e D. Theresa Maria Vaz, já fallecidos; casado com D. Emilia Maria Vieira Torres Gonçalves, de quem não houve filhos.

Sua mulher é herdeira da meação que a ella pertence, dispondo o testador da sua parte.

Nomeou testamenteiros: 1.º sua mulher e 2.º seu compadre Luiz Antonio Gonçalves da Costa, sendo feito o seu enterro á vontade da primeira e seu corpo sepultado no cemiterio do Carmo, de cuja ordem era irmão.

As legitimas que lhe couberam em Portugal, por occasião da morte de seus paes, cedeu-as em favor dos parentes alli residentes.

Deixou, sem condição, quatro apolices da divina publica de 1:000 cada uma a Luiz Antonio Gonçalves Costa e sua mulher D. Carlota Maria Torres Costa, sendo essas apolices de n.ºs 31546, 35560, 41498, e 41499; ás menores Emilia Reinalda e Carlota, filhas de D. Carlota Maria Torres Costa, a cada uma 200\$000, livres de imposto; a D. Henriqueta Maria de Jesus Silveira 500\$000; a seu sobrinho Bernardo José Gonçalves, em Portugal, 3:000\$000, moeda deste Imperio; a sua sobrinha D. Maria Gonçalves, no Terreiro da Lagôa, em Portugal, 1:000\$000, na mesma moeda; a seu sobrinho José Gonçalves Baptista, 2:000\$000, idem; a seu afilhado Domingos José Dias Pereira, 2:000\$000; a Eduardo José Dias Pereira, Maria Theresa Dias Pereira e D. Deolinda Dias Pereira, filhos do finado Domingos José Dias Pereira, e Antonio José Dias Pereira, filho do mesmo, a cada um 200\$000, livres de imposto.

Instituiu sua mulher herdeira dos remanescentes dos seus bens.

Marcou o prazo de dous annos para conclusão deste testamento.

## NECROLOGIA

Porque, Senhor, do cahos tumultuario  
Tão litta e esperançosa ergueste a vida  
Se ao pé da vida collocaste a morte?!

ALMEIDA GARRETT.

Meu Deus! meu Deus! como deve ser

custoso deixar a vida na flor dos annos; abandonar a terra no verdor da idade; desprender-se do mundo no seio da abundancia, quando a imaginação, rica de seiva e opulencia, nos faz entrever um thalamo de rosas, um futuro de felicidades!! Quem não recuará de horror ante a ideia da morte em taes condições e em tal idade, senão fóra a certeza d'uma melhor vida, que além tumulo espera o justo?!

Essa certeza que a luz da fé faz brilhar em todo o seu esplendor na alma do crente, é quem lhe ministra a resignação no laito da dor, o desprende inteiramente dos lementidos encantos do seculo, e totalmente o faz submeter satisfeito a sua vontade á vontade divina.

E então a morte, longe de ser um mal, é um grande bem, porque é o principio d'uma recompensa eterna, o começo d'uma vida de satisfação plena e constante, jámais turbada do menor desgosto.

Tal foi a morte de D. Anna Augusta Leite da Cunha Vasconcellos, senhora de nobilissimas qualidades, fallecida no dia 27 do passado na casa da Mainha, freguezia de Panoias d'este concelho de Braga.

Contava apenas 24 annos de existencia, todos perfumados das mais bellas virtudes, porque a virtude fóra sempre a sua divisa, a piedade o seu brazão.

Ha quatro mezes que uma terrivel enfermidade lhe ia alquebrando as forças, diminuindo a vida. Que intenso foi o seu soffrer! que heroica a sua resignação!

Que me importa uma vida longa cercada de mil venturas, ou uma existencia curta, trabalhada de mil penares?! Faça-se a vontade de Deus; feliz quem profundamente adora seus sapientissimos decretos, curva a fronte ao menor aceno de seu poderoso braço, e n'elle deposita sua esperanza!

Eis a sua linguagem nos transes mais afflictivos, nos soffrimentos mais dolorosos.

Em extremo devota do SS. Coração de Jesus, permittiu este Amantissimo Coração, que, munida com os divinos Sacramentos, e alentada com as benções e preces da Igreja, esta fiel serva, no mesmo dia da sua solemnidade, deixasse as agruras do exilio, e fosse gósar as ineffaveis venturas do ceo.

Oh! Inebrie-se ella nas doçuras interminaveis da bemaventurança, e lá, n'essa mansão de paz e amor, interceda pela inconsolavel familia que tão do intimo a amava, por todos os que, conhecedores de suas virtudes, lhe estendiam a mão d'uma verdadeira amizade, e lhe humedecem o athaide com as lagrimas d'uma saudade profunda.

Braga 9 de julho de 1878.

(979)

L.

## BANCO DA COVILHA.

Sociedade anonyma—Responsabilidade limitada

Capital 3.000:000\$000 reis

1.ª emissão—reis 750:000\$000 dividido em 7:500 acções de 100\$000 reis cada uma.

Balanço em 30 de Junho de 1878.

### Activo

Letras descontadas e a receber . . . . .	336:356\$250
Emprestimos s. penhores. . . . .	144:437\$820
Contas corrent. com caução . . . . .	327:668\$617
Effeitos depositados . . . . .	12:000\$000
Papeis de credito . . . . .	11:537\$800
Agencias no paiz . . . . .	19:201\$022
Ditas no estrangeiro . . . . .	85\$510
Diversos devedores . . . . .	11:744\$293
Mobilia e utensilios . . . . .	1:840\$304
Despezas d'installação . . . . .	2:525\$875
Caixa . . . . .	27:766\$884
Valores em liquidação . . . . .	5:873\$070
	901:037\$547

### Passivo

Capital . . . . .	750:000\$000
Fundo de reserva . . . . .	7:543\$745
Fundo para o edificio do Banco . . . . .	1:500\$000
Depositos á ordem . . . . .	35:998\$767
Ditos a prazo . . . . .	60:512\$890
Devidendos a pagar . . . . .	706\$000
Credores d'effeitos depositados . . . . .	12:000\$000

Diversos credores . . . . .	1:111\$795
Agentes no paiz . . . . .	1:992\$609
Agentes no estrangeiro . . . . .	4:784\$365
Letras a pagar . . . . .	15\$000
Contas interinas . . . . .	273\$606
Ganhos e perdas . . . . .	24:688\$770
	901:037\$547

Covilhã 30 de Junho de 1878.

### Os Directores

A. Baptista A. Leitão.  
J. d'A. Vaz de Carvalho.

## AGRADECIMENTOS

Anna Rosa de Sousa Braga Franqueira, Maria das Neves de Sousa Braga Franqueira, Theresa de Jesus de Sousa Braga Franqueira e Antonio José de Sousa Braga Franqueira, agradecem cordealmente a todas as pessoas que os cumprimentaram pelo fallecimento do seu chorado, e nunca esquecido pae; e bem assim aos ill.ºs e exc.ºs srs. que se dignaram assistir ao officio de sepultura que pelo mesmo tiveram lugar na parochial igreja de Santa Eulalia de Tenões, protestando-lhe o seu eterno reconhecimento e indelevel gratidão. (974)

D. Catharina Thereza de Faria, e seus filhos, filhas e genro, Antonio José Fernandes Braga, José Fernandes Braga, Joanna Fernandes Braga, Anna Fernandes Braga, e Antonio Joaquim Vieira, da freguezia de Prado, vem por este meio, por lhe não ser possível fazel-o pessoalmente, agradecer a todos os ill.ºs e revd.ºs srs. ecclesiasticos, e leigos, e com especialidade ao ex.º sr. Arcipreste, abbede de Cabanelas, pela fineza que fizeram em assistir ao officio e responsos de sepultura de seu chorado filho, irmão e cunhado Francisco José Fernandes Braga, que tiveram logar na capella do Bom Successo, na freguezia de Prado, no dia 27 de junho passado, protestando a todos a sua eterna gratidão, e reconhecimento.

Catharina Thereza de Faria.  
Antonio José Fernandes Braga.  
José Fernandes Braga.  
Joanna Fernandes Braga.  
Maria da Trindade Braga.  
Anna Fernandes Braga.  
Antonio Joaquim Vieira.

(964)

## ANNUNCIOS

### Arrematação

O conselho administrativo do regimento de infantaria 8, faz publico, que no dia 25 do corrente mez pelas 11 horas da manhã, e na sala das sessões do mesmo conselho, tem de proceder á arrematação do fornecimento de toucinho, unto, azeite e pão alvo para consumo no rancho do regimento e dietas dos doentes—tractamento no hospital militar.

As condições para a dita arrematação estarão patentes no referido conselho todos os dias não santificados desde as 9 horas da manhã até ás 2 da tarde.

Quartel em Braga, 8 de julho de 1878.

O secretario do conselho

Berdardo Osorio,

(977) alferes d'infanteria 8.

VENDEM-SE duas moradas de casas, uma na rua do Anjo, com os n.ºs 11 e 11 A, e outra na rua de D. Pedro, com o n.º 1; quem as pertender procure o dono n'esta todos os dias, (exceptuando os dias santificados), desde as 8 até ás 10 horas da manhã. (978)

### Banco Alliança

No dia 16 do corrente principia a pagar-se no Banco do Minho o dividendo do Banco Alliança, relativo ao 1.º semestre do corrente anno, na razão de 2 1/2 0/0 ou 1\$500 por acção, continuando este pagamento em todos os dias não santificados desde as 10 horas da manhã até á 4 da tarde. (980)

## ALVICARAS

Tendo-se no dia 24 do passado desenhado uma jumenta, cor castanha, com um jumentinho d'um anno, a pessoa que a entregar na rua Nova n.º 49, receberá alvicaras.

ALUGAM-SE as casas n.º 21, no Campo Novo do Reduto, nobres e com muitos commodos. Trata-se na casa immediata n.º 22. (981)

### Banco de Guimarães

Desde o dia 8 do corrente em diante paga-se na séde do Banco de Guimarães e nas suas agencias do Porto e Braga aos accionistas do mesmo Banco o dividendo do 1.º semestre d'este anno na razão de 3 0/0 ou 2\$400 reis por acção. (975)



### Nova carreira entre Braga e Povoá do Varzim

José Antonio Duarte Pigueiro & Irmão, annunciam ao publico que desde o dia 12 do corrente inclusivè, principiam com a sua nova carreira, como nos annos anteriores, a sair d'esta cidade ás 5 horas da manhã, chegando a Barcellos ás 7 e meia horas, e á Povoá ás 11 da manhã; da Povoá sae ás 4 horas da manhã, chegando a Barcellos ás 6 e meia, demorando-se alli meia hora tanto na ida como na volta, e chega a Braga ás 10 horas.

Os bilhetes acham-se á venda nos seus antigos escriptorios; na Povoá em casa do sr. Manoel Pereira Barbosa, rua do Rego, e em Braga em casa do sr. Antonio Joaquim Loureiro, rua Nova de Sousa n.º 2.

Preço 500 rs. fóra e dentro.

Os mesmos continuam com as suas antigas carreiras entre Braga e Barcellos.

Braga 5 de julho de 1878.

O alquilador,

José Antonio Duarte Pigueiro & Irmão. (966)

Quem pretender uma casa, junto do Poço-forte, no Gerez dirija-se ao padre Antonio Joaquim da Rocha, capellão do Gerez que tem ordem para a alugar com as camas e mais moveis que n'ella estão. (961)

**MALA REAL INGLEZA**  
GRANDE REDUÇÃO DE PREÇOS NA 3.ª CLASSE.

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Aceitando tambem passageiros de 3.ª classe pelo mesmo preço que para o Rio de Janeiro para SANTOS, PARANAGUA, SANTA CATHARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAMPINAS, S. PAULO, CAMPOS, VICTORIA, MACEIO e outros pontos do litoral e interior do Brazil, ao sul de Pernambuco, com trasbordo no Rio de Janeiro e incluindo hospedaria e sustento gratuito durante a demora precisa para obter trasbordo.

Este paquete da Companhia Mala Real Inglesa sahirá de Lisboa em 13 de Julho.

Para mais esclarecimentos dirijam-se ao sr. Guilherme C. Tait, no Porto, rua dos Ingleses, 25.

Em Braga o sr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.